

24-04-2024

SABERES E MACARRÃO

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

A minha tia Teresa, quase sempre taciturna, fechada, severa e honesta, recebia dos membros da família a avaliação insofismável: “ela fazia o melhor feijão de Goiás”. Também não são poucos amigos e amigas que, com amor nos lábios, caminham até a cidade de Trindade-Go para provarem o arroz com pequi de dona Luzia. Ninguém fecha a conta no primeiro prato. Reconhecem, os visitantes, o que Câmara Cascudo havia percebido: “o estômago é um órgão de amor”. Num passado recente ouvi com atenção o meu amigo Ricardo Coró fazer uma espécie de aviso filosófico: “*you não sabe o que é pão de queijo!*”. Numa certa oportunidade, pegamos o carro, atravessamos o rio Paranaíba e lá estávamos no município de Coromandel-MG, especificamente no distrito, literário e sagrado, de Santa Rosa dos Dourados. Não demorou para Maria, ligeira e alegre, emocionada com a presença do filho intelectual, partir para a cozinha. Voltei de Santa Rosa dos Dourados com a certeza de que, até então, eu não sabia o que era pão de queijo. Essa matéria, de interesse epistemológico universal - o pão de queijo mineiro - casa com o veredito de Clarice Lispector: “*todas as coisas têm outro nome*”. O pão de queijo de Maria tem outro nome. Talvez, amor.

Na casa-laboratório de meu amigo Nilson Jaime, entre livros e coleções de insetos, ouvi com atenção, de sua boca entusiasmada, o prodígio filosófico do mundo das formigas. Depois de falar de seu trabalho de pesquisa, mirando esses seres prodigiosos - as formigas - ele sintetizou o que parece inegável: temos, nós humanos, muito o que aprender com as formigas. O netinho de Nilson Jaime já se tornou amigo dos insetos. O avô pesquisador lhe ensinou o caminho dessa pedagógica amizade. Parece que as palavras do mestre dos mestres, Ailton Freire, reconhecido professor de Matemática da Universidade Federal de Goiás e de Catalão, valem para o caso das formigas e para outros: “*tudo que é vida possui segredos. No fundo, todo segredo origina-se da origem da vida. Essa origem ninguém sabe ao certo*”. Eu mesmo, quando morava em Catalão-GO, aberto ao mundo e apaixonado pelo que me cercava, numa noite de luas verbais, juntamente com os meus amigos Julião Borges, Tania Maia, Gilmar Doideira, Valdivino Borges de Lima, Wolney Honório e Elza Stacciarini, apresentei-lhes o que, na época, chamei invenções insignificantes. Estava, na época, desenvolvendo dois projetos: um modo novo de calçar meia e uma forma inteligente de abrir caixa de fósforo. Os projetos, por falta de financiamento, não andaram muito. Mas andou seu objetivo central, promover atoagens poéticas.

Isso que é o centro da operação da estética moderna, foi bem constituído. Dali era fácil assaltar o metro e a métrica, convocando o sonho, o delírio e as margens, para comporem o necessário e tenso desafio de viver e amar. De versolettrar, brincolear, acriançar-se.

Nessa via, o poeta Luiz Carlos Fadel desenvolveu, andando de trem no Rio de Janeiro de Garrincha e Elza Soares, uma apurada técnica de, com rapidez, ler os nomes de trás para frente. O seu cérebro, apropriado para a travessura avessa, constituía o que, hoje, gente da neurociência recomenda: estranhar as sinapses, sair do automatismo, não aceitar o anestesiamento social. Certa vez, em sua casa, perguntei-lhe para que servia aquela habilidade. Ele sorriu. Pois bem!

Dizem que o rompimento teórico-clínico que o grupo inventor da esquizoanálise procedeu com o freudismo clássico, mediante os seus principais autores, Gilles Deleuze e Felix Guattari, foi o de promover uma mudança na leitura da subjetividade. Ao invés de fazer o regresso à infância e aos traumas primários, a esquizoanálise se faz com a pergunta: O que pode um corpo? O que pode um sujeito?

A resposta da esquizoanálise é objetiva: todos os sujeitos, crianças, adolescentes, homens, mulheres, trans, podem. Podem muito. Descobrir potências, não se acomodar diante dos saberes hegemônicos, enfrentar os muros que impedem que as potências sejam liberadas; gerar deslocamentos; transgredir as pautas costumeiras; ver a riqueza dos encontros e as possibilidades das relações, são o centro desse empreendimento central: “*libertar o desejo onde se encontra aprisionado*”. Daí que, pela esquizoanálise, ou pela dialética, pela hermenêutica e pela semiótica; mediante os decoloniais ou anticolonais, o que emerge como desafio, no atual período, é fustigar os limites dos saberes e os seus proprietários; enfrentar os muros epistemológicos transpondo o vocabulário acadêmicos; sobrepor as fronteiras disciplinares e, assim, conectar saberes, promover diálogos, gerar núpcias interpretativas; reconhecer que a experiência de povos originários, de comunidades tradicionais e de gente simples, mediante a sua vida concreta, produziram um imenso arquivo de memórias, tecnologias sociais, práticas diversas no trabalho, na cozinha, na música.

Aliás, outro dia uma amiga, declaradamente doutora em assuntos de prática culinária, disse-me que havia inventado um novo tipo de macarrão: a linguixa ao alho. Ela mesmo procedeu a justificativa: ao assar a linguixa fina enrolada como uma cobra dorminhoca, e salpicá-la com pimenta de cheiro, alho aos montes, dourando-os em banho maria, o que se vê é um macarrão suíno. Se fosse o caso, poderia até registrar a patente. Mas não é o caso. O caso é de amor. Apenas de amor.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.